

Um homem caminha devagar

Isabel Pereira Leite

Faculdade de Letras

Universidade do Porto

Fotografia de Rogério Sousa



“Tempestade no deserto”. Egípto 2010

Um homem caminha devagar.

Atravessa a cidade em ruínas no meio do deserto.

Gosta de caminhar. Caminhando, sente-se livre para se encher de pensamento. Talvez não tanto de pensamento; mais de emoções.

O deserto proporciona-lhe um espaço sem fim – por isso mesmo se deixava permanecer tantas vezes em lugares onde o silêncio impera. Não que o deserto seja silencioso. Não! Nada pode ser mais tocante do que a solidão que se vive acompanhada. A presença dos sons do deserto é uma presença viva, ora pacífica, ora irrequieta, profundamente emotiva, sendo apaziguante ao mesmo tempo.

O tempo. Há quanto tempo caminha ele? Não o saberia, com certeza. A imensidão do que o rodeia fizera-lhe perder a noção do tempo.

O tempo, para ele, está entre as ordens de grandeza incomensuráveis. Tinha dificuldade em aperceber-se do passar das horas, sobretudo quando procurava o deserto e se sentia bem dentro dele. Curiosamente, era nessas ocasiões que, por mais vivo, por mais livre, encontrava com mais facilidade em si o melhor dele próprio.

Que atracção tão poderosa exerce o deserto nele! Um fascínio muito para além das palavras. Lugar mágico, de encantamento absoluto, pela total ausência do supérfluo. Lugar de eleição que se alimenta dos reflexos da Estrela Maior, durante o dia, para, à noite, se deleitar na contemplação de todas as outras estrelas do firmamento que começam a brilhar quando aquela adormece.

Ah, como ama a planura e as dunas; como gosta de lhes sentir as formas ao caminhar, rumo ao oásis.

Caminhava desde manhã cedo. Desde que o Sol acordara. A ideia era chegar ao lugar do oásis que ainda não conhecia. Não há desertos sem oásis. Também é certo que sem desertos, não há oásis. Por isso, talvez por isso, o homem não tivesse pressa. Gostava de se preparar interiormente para acolher o tempo que o deserto lhe oferecia. Só depois disso conseguia, normalmente,

retribuir-lhe a dádiva, depositando-lhe, então, no longuíssimo regaço, o seu tempo.

Às vezes sentia-se como se pertencesse ao deserto. Outras vezes, mais raras, achava-se quase um intruso. Nessas alturas, obrigava-se a parar.

Não é um exercício fácil tentar descobrir-se a si mesmo, ensaiando enganos para as angústias, até encontrar a paz. A descoberta, toda a descoberta, se faz entre um misto de apreensão, regozijo e serenidade.

O homem sabe que a vida no oásis é muito mais previsível. Ele sabe que o que tem de mais genuíno pertence ao deserto que lhe proporciona a evasão, porque o peso dos anos e das memórias se esvai, e a calidez de cada momento o afaga por dentro.

Como as palmeiras que a brisa toca ao de leve e se inclinam ao seu sabor, também o homem se inclina para apanhar o lenço que trazia enrolado ao pescoço.

Caíra. Assim, simplesmente. Caíra no chão do oásis, como se tivesse vontade de o sentir, a esse chão que o homem pisa agora.

Uma leve brisa no ar. Quente, mais quente, porque cada vez mais intensa.

Quantas vezes vira ele isso suceder? Tantas, tantas, já...

Porém, algo lhe diz que está para acontecer qualquer coisa diferente. Na diferença, tudo pode acontecer. E acontece!

De repente, vinda de lugar nenhum, a nuvem de pó de finíssima areia levanta-se, como se a força do Sobrenatural a empurrasse do chão e a arrastasse consigo, fazendo com que atravessasse o tempo.

O homem sente essa força indescritível, a força da Criação. Num momento raro, porque inusitado, retira da mochila a sua máquina de caminhante e, inspirado, fotografa o Sopro Divino.